

OS FESTIVAIS DE MÚSICA POPULAR BRASILEIRA: VEÍCULO DE VEZ E DE VOZ

SELMA SUELY TEIXEIRA
Mestre em Literatura Brasileira pela UFPR

No início da década de 60, o Brasil inaugurava uma nova capital, constituída no Planalto Central a mil quilômetros da costa atlântica, e para compensar o Rio de Janeiro pela perda da condição de capital federal, Juscelino Kubitschek cria o Estado da Guanabara, que tem como primeiro governador, Carlos Lacerda.

Nos discursos políticos, jornais, livros e panfletos, expressões como "a vontade do povo" ou a "consciência popular" e "os magnos interesses da Nação" ou "os verdadeiros interesses nacionais", começam a aparecer freqüentemente.

Inicia-se a conscientização de que é fundamental um "exame de consciência nacional", do contrário, o Brasil continuará a ser "um país que progride mas não se enobrece, um país sem mensagens para o mundo (. . .) à espera que taumaturgos ou chefes de bandeiras mais ou menos providenciais venham solucionar os nossos problemas." (1)

O desenvolvimento real só é possível a partir do momento em que povo e nação estejam unidos no mesmo objetivo. E em nome do povo e da nação, são idealizadas reformas constitucionais e agrárias, realizados plebiscitos e planos governamentais, promulgadas leis e decretos, presidentes são empossados e renunciam, surgem institutos e sindicatos, projetos faraônicos são desenvolvidos, conspirações e golpes acontecem.

Na área cultural, Vinícius de Moraes lança sua **Antologia Poética**; Astrud Gilberto conquista o maior prêmio musical dos Estados Unidos da América, o Grammy, com a gravação de "Garota de Ipanema", de Tom Jobim e Vinícius de Moraes; Anselmo Duarte dirige "O pagador de promessas", de Dias Gomes que irá ganhar a Palma de Ouro em Cannes; Ziraldo lança **Pererê**; Dorival Caymmi se apresenta no show de Andy Williams para interpretar "Das Rosas"; João Gilberto realiza concertos em várias cidades americanas; Tom Jobim é convidado para assinar um contrato milionário nos Estados Unidos; surge **A maçã no escuro**, de Clarice Lispector; Glauber Rocha, "com uma câmara na mão e uma idéia na cabeça", dirige o seu primeiro filme: "Barravento"; Stanislaw Ponte Preta publica **Tia Zulmira e eu**; Eduardo Portela lança **Literatura e Realidade Nacional**; a coleção **Cadernos do Povo** é lançada pela Civilização Brasileira; "Vidas Secas", de Néelson Pereira das Santos, e "Deus e o Diabo na Terra do Sol", de Glauber Rocha são premiados no festival de Cannes; Dalton Trevisan lança Cemitério de Elefantes; nomes como Gianfrancesco Guarnieri, Flávio Rangel, Augusto Boal, Ruy Guerra, Ferreira Gullar, Baden Powel, Millôr Fernandes, Plínio Marcos e João Cabral de Mello Neto, se consolidam no cenário brasileiro.

A época é marcada por uma série de debates em torno do papel que artistas e intelectuais poderiam e deveriam exercer enquanto cidadãos que também sofriam os reflexos das medidas sufocadas tomadas contra a nação, e não apenas meros denunciadores dessas medidas.

E em 1962, surge o **Manifesto do CPC**, que se apresenta "como declaração de princípios da vanguarda popular revolucionária no campo da cultura" (2) e que tem como destinatário, "o intelectual e o artista 'alienados', que fazem 'arte pela arte' ". Optando por ser "parte integrante do povo", o artista popular revolucionário dos CPCs pretende, ao levar esse povo a se conscientizar das condições materiais da realidade brasileira e das conseqüências dessas condições para sua vida, alcançar o caminho da liberdade política e econômica que levará ao desenvolvimento pleno da nação.

1964 encontra o meio cultural produzindo e criando movimentos, como o Cinema Novo, o "poema-práxis: um evento revolucionário", de Mário Chamie, e o show Opinião, de Oduvaldo Vianna Filho e Paulo Pontes: "dado novo: alegria, euforia, festa", fala em "unidade e integração nacionais". No programa do show, a opinião dos autores e intérpretes de que "a música popular é tanto mais expressiva quanto mais tem uma opinião, quando se alia ao povo na captação de novos sentimentos e valores necessários para a evolução

social, quando mantém vivas as tradições de unidade e integrações nacionais. A música popular não pode ver o público como simples consumidor de música; ele é fonte e razão de música".(3)

No ano seguinte surgem os festivais de música popular brasileira, lançando compositores como Chico Buarque, Edu Lobo, Geraldo Vandré e Caetano Veloso, que colocando as incertezas e esperanças do povo como centro de suas composições, fazem sua opção pelos "sem poder na sociedade" identificando-se assim com as aspirações fundamentais do povo de existir numa sociedade onde "ele se dirija por si mesmo".

Característica do espírito nacional dos anos 60, esse cantar o povo encontra nos Festivais de Música Popular Brasileira da década, o seu veículo de vez e de voz.

"Arrastão", de Edu Lobo e Vinícius de Moraes, vencedora do I Festival Nacional da MPB, realizado pela TV Excelsior, de São Paulo, caracteriza já pela escolha do próprio título e tema - arrastão é uma rede que varre o fundo do mar carregando todo e qualquer peixe - , o abandono do individual em favor do retrato de uma ação coletiva.

ARRASTÃO - Edu Lobo e Vinícius de Moraes

**Eh! tem jangada no mar
Eh! hoje tem arrastão
Eh! todo mundo pescar
Chega de sombra, João
Já ouviu,
Olha o arrastão entrando no mar sem fim
Eh! meu irmão me traz lemanjá pra mim
Olha o arrastão entrando no mar sem fim
Eh! meu irmão me traz lemanjá pra mim
Minha Santa Bárbara, me abençoi
Quero me casar com Janaína
Eh! puxa bem devagar
Eh! já vem vindo arrastão
Eh! é rainha do mar
Vem, vem na rede, João
Pra mim,
Valha-me Deus Nosso Senhor do Bonfim
Nunca jamais se viu tanto peixe assim
Valha-me Deus Nosso Senhor do Bonfim
Nunca jamais se viu tanto peixe assim**

João, nome próprio representativo de uma coletividade - a humanidade em geral - abandona "a sombra" e, atendendo a uma série de convocações ("Eh! tem jangada no mar/Eh! hoje tem arrastão/Eh! todo mundo pescar"), entrega-se à divindade que comanda os pescadores ("Quero me casar com Janaína"), entrando por fim na rede coletiva.

Tendo escolhido pescadores como arrebanhadores de homens, os autores recuperam através de lembranças de ensinamentos religiosos, divindades e entidades cultuadas pela maior parte do povo brasileiro, num exemplo do sincretismo religioso pertinente à nossa formação étnica ("Eh! meu irmão me traz lemanjá pra mim/Minha Santa Bárbara, me abençoi/Quero me casar com Janaína (...) Valha-me Deus Nosso Senhor do Bonfim ...")

O aparecimento de verbos no gerúndio ("olha o arrastão entrando no mar sem fim (...) Eh! já vem vindo o arrastão ...") caracteriza uma ação em movimento; o entendimento do coletivo como um todo orgânico, capaz de modificar o comportamento nacional.

"Porta-estandarte", de Geraldo Vandré e Fernando Lona vence em julho de 1966, o II Festival Nacional de

PORTA-ESTANDARTE - Geraldo Vandré e Fernando Lona

**Olha que a vida é tão linda
E se perde em tristezas assim
Desce teu rancho cantando
Essa tua esperança sem fim
Deixa que a tua certeza
Se faça do povo a canção
Pra que teu povo cantando
O teu canto ele não seja em vão
Eu vou cantando a minha vida enfim,
Cantando, e canto sim,
E não cantava se não fosse assim
Levando, pra quem me ouvir
Certezas e esperanças pra trocar
Por dores e tristezas que bem sei
Um dia ainda vão findar
Um dia que vem vindo
E que eu vivo pra cantar
Na avenida girando,
Estandarte na mão pra anunciar
Olha que a vida tão linda, tão linda,
Perdida, perdida
Tão linda, perdida.**

Palavra-chave do poema, a palavra "canção" e suas variantes (cantando, cantava, canto, cantar) constituem a mola propulsora da ação. Assim, o chamamento ao cantar ("Desce teu rancho cantando/Essa tua esperança sem fim/Deixa que a tua certeza/Se faça do povo a canção/Pra que teu povo cantando/O teu canto ele não seja em vão"), reflete a crença de que "as dores e tristezas um dia ainda vão findar", sendo essa a bandeira do poeta, transformado agora em porta-estandarte: o cantar como esperança para o difícil momento vivido pelo país após a instalação do golpe militar.

Em outubro do mesmo ano, tem início o Festival da MPB da TV Record, de São Paulo que teve duas vencedoras: "A banda", de Chico Buarque de Hollanda e "Disparada", de Geraldo Vandré, por exigência do público assistente.

Os festivais começam a ser vistos como elemento representativo da escolha popular. Às medidas proibitivas de participação em debates públicos, agremiações e eleições, a juventude respondia cantando e consagrando seus eleitos, investidos da consciência dos valores comuns e das aspirações coletivas.

A BANDA - Chico Buarque de Hollanda

**Estava à toa na vida
O meu amor me chamou
Pra ver a banda passar
Cantando coisas de amor
A minha gente sofrida
Despediu-se da dor
Pra ver a banda passar
Cantando coisas de amor
O homem sério que contava dinheiro parou
O faroleiro que contava vantagem parou**

A namorada que contava as estrelas parou
Para ver, ouvir e dar passagem
A moça triste que vivia calada sorriu
A rosa triste que vivia fechada se abriu
E a meninada toda se assanhou
Pra ver a banda passar
Cantando coisas de amor
O velho fraco se esqueceu do cansaço e pensou
Qu'inda era moço pra sair no terraço e dançou
A moça feia debruçou na janela
Pensando que a banda tocava pra ela
A marcha alegre se espalhou na avenida e insistiu
A lua cheia que vivia escondida surgiu
Minha cidade toda se enfeitou
Pra ver a banda passar
Cantando coisas de amor
Mas para meu desencanto
O que era doce acabou
Tudo tomou seu lugar
Depois que a banda passou
E cada qual no seu canto
Em cada canto uma dor
Depois da banda passar
Cantando coisas de amor

DISPARADA - Geraldo Vandré e Théo

Prepare o seu coração, / Pras coisas que eu vou contar
Eu venho lá do sertão / E posso não lhe agradar
Aprendi a dizer não / Ver a morte sem chorar
E a morte, o destino, tudo / Estava fora de lugar
Eu vivo pra consertar / Na boiada já fui boi
Mas um dia me montei / Não por um motivo meu
Que junto comigo houvesse / Que qualquer querer tivesse
Porém por necessidade / O dono de uma boiada,
Cujo vaqueiro morreu / Boiadeiro muito tempo
Laço firme, braço forte / Muito gado, muita gente,
Pela vida segurei / Seguia como num sonho
E boiadeiro era o rei / Mas o mundo foi rodando
Nas patas do meu cavalo / Nos sonhos que fui sonhando
As visões se clareando / As visões se clareando
Até que um dia acordei / Então não pude seguir
Valente, lugar tenente / E dono de gado a gente
Porque gado a gente mata / Tange, ferra, engorda e marca
Mas com gente é diferente / Se você não concordar
Não posso me desculpar / Não canto pra enganar
Vou pegar minha viola / Vou deixar você de lado
Vou cantar noutro lugar / Na boiada já fui boi,
Boiadeiro já fui rei, Nem por mim, nem por ninguém,
Que junto comigo houvesse / Quem quisesse, ou quem
pudesse
Por qualquer coisa de seu / Por qualquer coisa de seu
Querer mais longe que eu / Mas o mundo foi rodando,
Nas patas do meu cavalo / E já que um dia montei
Agora sou cavaleiro / Laço firme, laço forte
De um reino que não tem rei.

Convite à participação de todos em um cortejo que altera o mundo e natureza por onde passa, "A Banda" tem na canção e no amor, os caminhos que levam à esperança de uma alegria constante, capaz de fazer as cidades se enfeitarem "pra ver a banda passar / cantando coisas de amor".

Os versos predominantemente heptassilábicos, dão voz ao ritmo característico da fala, refletindo "um contentamento descontente, uma dor que desatina a doer, abrindo a ferida que dói e não se sente, fazendo penetrar em corações rasgados, um fogo que arde sem se ver." (4)

Características do estilo de Chico Buarque de Hollanda, a construção em blocos entremeados por palavras intercambiáveis, já aparece em "A Banda".

**"O homem sério que contava dinheiro parou /
O faroleiro que contava vantagem parou /
A namorada que contava estrelas parou /
Para ver, ouvir e dar passagem
A moça triste que vivia calada sorriu
A rosa triste que vivia fechada se abriu ..."**

Sendo que o verso que corta o bloco, ("Para ver, ouvir e da passagem") reforça a idéia das mudanças proporcionadas pela passagem da banda.

O poema está construído no tempo passado, dos 28 verbos, 23 estão no passado, refletindo uma época em que natureza e homem comungavam a mesma alegria: "a moça triste que vivia calada sorriu/a rosa triste que vivia fechada se abriu", em oposição ao presente, onde "cada qual (está) no seu canto", com a sua dor.

Preferindo a ação de contar à de cantar, o poeta de "Disparada" aprende a dizer não, e a " ver a morte sem chorar". A atitude de "viver pra cantar um dia que vem vindo", de "Porta-estandarte", se converte agora na ação imediata do "consertar (o que) está fora de lugar". O levar o canto "pra quem me ouvir", se transforma em deixar de lado aquele que não concorda e "cantar noutro lugar".

A o denunciar injustiças e diferenças sociais "Porque gado a gente marca/Tange, ferra, engorda e mata/Mas com gente é diferente", o poeta resgata e constrói a consciência nacional, transformando-se assim numa espécie de agente mediador entre o povo receptor dessas injustiças e os fatos que as provocam.

Características da literatura de cordel são recuperadas no processo de desenvolvimento temático de "Disparada". Assim, da mesma forma que nas "cantorias", o poema inicia com uma apresentação do "cantador", onde ele narra suas proezas passadas, seu local de origem e que vitórias conquistou, e prossegue com uma aparente variação de assuntos onde o fator social se apresenta como valor principal: o poema como veículo que, ao colocar seu criador em contato com o meio, faz com que ele se torne conhecedor das coisas do mundo.

Tal como os cantadores de cordel, o poeta de "Disparada" finaliza colocando-se como instrumento do pensamento coletivo, não cantando "pra enganar(...) nem por mim, nem por ninguém."

Em novembro de 1966, tem início o Festival Internacional da Canção, no Rio de Janeiro, promovido pela Rede Globo. Realizado em duas etapas: nacional e internacional, o I FIC classificou em primeiro lugar a música "Saveiros" de Dorival Caymmi e Nelson Motta, que retoma a tese de que o meio é determinante no destino do homem. O resultado não recebeu o apoio do público, dividido entre "Dia das rosas", de Luís Bonfá e Maria Helena Toledo e "Canção a medo", de Sérgio Bittencourt.

SAVEIROS - Dori Caymmi e Nelson Motta

**Nem bem a noite terminou
Vão os saveiros para o mar
Levam no dia que amanhece
As mesmas esperanças
Do dia que passou
Quantos partiram de manhã
Quem sabe quantos vão voltar
Só quando o sol descansar,
E se os ventos deixarem,
Os barcos vão voltar
Quantas histórias pra contar
E em cada vela que aparece
Um canto de alegria
De quem venceu no mar**

Em 1967, "Ponteio", de Edu Lobo vence o Festival da Record, que classifica em segundo lugar "Domingo no Parque", de Gilberto Gil, em terceiro lugar "Roda Viva", de Chico Buarque de Hollanda e em quarto, "Alegria, alegria", de Caetano Veloso. Letras como "A estrada e o violeiro", de Sydnei Miller, "Eu e a brisa", de Johnny Alf e "O cantor", de Nelson Motta, concorrem para a categoria de melhor letra, o que constata o alto nível da produção artística da época.

PONTEIO - Edu Lobo

**Era um, era dois, era cem,
Era o mundo chegando e ninguém
Que soubesse que eu sou violeiro
Que me desse ou amor, ou dinheiro
Era um, era dois, era cem
Vieram pra me perguntar
Ô você pra onde vai, de onde vem
Diga lá o que tem pra contar
Parado no meio do mundo
Senti chegar meu momento
Olhei pro mundo e nem via
Nem sombra, nem sol e nem vento
Quem me dera agora
Eu tivesse a viola pra cantar
Quem me dera agora
Eu tivesse a viola pra cantar
Era um dia, era claro, quase meio,
Era um canto calado, sem ponteio
Violência, viola, violeiro
Era a morte, em redor mundo inteiro
Era um dia, era claro, quase meio
Tinha um que jurou me quebrar
Mas não lembro de dor nem receio
Só sabia das coisas do mar
Jogaram a viola no mundo
Mas fui lá no fundo buscar
Se eu tomo a viola, ponteio
Meu canto não posso parar, não
Quem me dera agora
Eu tivesse a viola pra cantar,**

**Ponteio, todo mundo pontear,
Pontear... ah!
Era um, era dois, era cem
Era um dia, era claro, quase meio
Encerrar meu cantar já convém
Prometendo um novo ponteio
Certo dia que sei por inteiro
Eu espero não vá demorar
Este dia estou certo que vem
Digo logo o que vim pra buscar
Correndo pro meio do mundo
Não deixo a viola de lado
Vou ver o tempo mudado
E um novo lugar pra cantar
Quem me dera agora
Eu tivesse a viola pra cantar, ponteio
Quem me dera agora
Eu tivesse a viola pra cantar, ponteio**

Vivendo em uma época que vê o regime ditatorial legitimado por uma Constituição, e a promulgação de uma Lei de Segurança Nacional que levará civis a enfrentar cortes marciais, Edu Lobo vai buscar no mágico "era uma vez" dos contos de fadas, a maneira de expressar a esperança que todos tem de "ver o tempo mudado/E um novo lugar pra cantar".

Reforçando os objetivos de "socializar, informar, despertar emoções e desenvolver o sentimento de compreensão e simpatia humanas" (5) comuns às histórias infantis, a letra de "Ponteio" também se estrutura como os contos de fadas, através de uma linguagem simples, e plena de ação, de um espaço e tempo indeterminados e indefinidos ("Era um, era dois, era cem/ Era o mundo chegando e ninguém (...). Ô você pra onde vai, de onde vem / Diga lá o que tem pra contar / Parado parado no meio do mundo ...")., e de um conteúdo que explica os fatos que envolvem o "herói" ("Era o mundo chegando e ninguém / Que soubesse que eu sou violeiro / Que me desse ou amor, ou dinheiro (...) Parado no meio do mundo/Senti chegar meu momento/ Olhei pro mundo e nem via / Nem sombra , nem sol e nem vento (...) Tinha um que jurou me quebrar / Mas não lembro de dor nem receio / Só sabia das coisas do mar / Jogaram a viola no mundo / Mas fui lá no fundo buscar / Se eu tomo a viola, ponteio / Meu canto não posso parar, não ...").

Numa reatualização das provas iniciatórias comuns aos contos infantis, o poeta é perguntado "pra onde vai, de onde vem / Diga lá o que tem pra contar" e se sente sozinho num mundo "sem sombra, sem sol e sem vento". Sem a viola pra cantar, vê "a morte, em redor mundo inteiro" e enfrenta "um que jurou me quebrar", sem lembrar "de dor nem receio", e corre pro fundo do mundo buscar a viola que , tal qual a varinha de condão é portadora de poderes mágicos, permitindo o "preenchimento das fissuras dando novamente à terra, sua solidez." (6)

Presente em todo poema, a fórmula mágica do "era um" como que costura as partes em que o poema se divide, "tecendo a trama dos destinos, comentando e questionando valores, para concluir a mensagem pela qual o poeta é responsável". (7)

Em outubro do mesmo ano, "Margarida", de Gutemberg e Guarabyra vence a fase nacional do II FIC, do Rio de Janeiro, deixando "Travessia", de Milton Nascimento em segundo lugar e "Carolina", de Chico Buarque, em terceiro. Mais uma vez, o júri do Festival Internacional se opunha à vontade popular, que pedia para "soltar a voz na estrada".

MARGARIDA - Gutemberg e Guarabyra

**Andei, terras do meu reino em vão
Por senhora que perdi
E por quem fui descobrir**

Não me crer mais rei e aqui me encerrei
Sou cantor e cantarei
Que em procuras de amor morri, ai
Dor que no meu tempo dói
Que destróes assim de mim
Bem sei que eu achei, enfim
E que adiantou a dor,
Mas me queimou
Pois por não saber de amor
Ela ainda rainha está
E ela está em seu castelo, olê, olê, olá
E ela está em seu castelo, olê, seus cavaleiros
Ora peçam que apareça
Pois por mais que eu ofereça
Mais me evita essa senhora
Eu já fui rei, já fui cantor
Vou ser guerreiro, um perfeito cavaleiro
Armadura, escudo, espada,
Pra seguir na escalada,
Belo motivo, é por amor que vou lutando
E pelas pedras do castelo
Como eu já vou retirando
E retirando uma pedra, olê, olê, olá
Mais uma pedra não faz falta, olê, seus cavaleiros
Que ainda correm pelo mundo,
Ouçam só por segundo, eu acabo de vencer
Retirei pedras de orgulho, majestades,
Deixei todas de humildades, de amores sem reinado
Ela então se me rendeu
Eu já fui rei, já fui cantor, já fui guerreiro
E agora enfim sou companheiro,
Da mulher que apareceu
E apareceu a Margarida, olê, olê, olá
E apareceu a Margarida, olê, seus cavaleiros

Apresentando todas as características da cantiga de amor medieval portuguesa, "Margarida" é o registro da confissão do sofrimento de um trovador, que, peregrino, padece pelo amor de sua senhora ("Andei, terras do meu reino em vão/ Por senhora que perdi/ E por quem fui descobrir/ Não me crer mais rei e aqui me encerrei/ Sou cantor e cantarei/ Que em procuras de amor morri, ai/ Dor que no meu peito dói/ Que destróes assim de mim/ Bem sei que eu achei, enfim/ E que adiantou a dor,/ Mas me queimou/ Pois por não saber de amor/ Ela ainda rainha está")

O amor que o poeta expressa é sempre respeitoso e platônico, numa atitude de vassalagem ("Ora peçam que apareça/ Pois por mais que eu ofereça/ Mais me evita essa senhora/Eu já fui rei, já fui cantor/ Vou ser guerreiro, um perfeito cavaleiro/ Armadura, escudo, espada,/ Belo motivo, é por amor que vou lutando / E pelas pedras do castelo/ Como eu já vou retirando").

Vencida a indiferença da amada, o poeta se declara vencedor ("Retirei pedras de orgulho, majestades./ Deixei todas de humildades, de amores sem reinado/ Ela então se me rendeu/ Eu já fui rei, já fui cantor, já fui guerreiro/ E agora enfim, sou companheiro/ Da mulher que apareceu").

Tal como a poesia trovadoresca, "Margarida" sedimenta-se no veio folclórico, recuperando da canção de roda, o motivo do poema.

APARECEU A MARGARIDA - (Folclore)

Onde está a Margarida, olê, olê, olá (bis)
Ela está no castelo, olê, olê, olá (bis)
Ela está no castelo, olê, seus cavaleiros
Mas eu desejava vê-la, olê, olê, olá (bis)
Mas eu desejava vê-la, olê, seus cavaleiros
Mas o muro é muito alto, olê, olê, olá (bis)
E tirando um pedra, olê, olê, olá (bis)
Uma pedra não faz falta, olê, olê, olá (bis)
Apareceu a Margarida, olê, olê, olá (bis)

"Bem-vinda", de Chico Buarque de Hollanda vence em 1968, o IV Festival de MPB, da TV Record, de São Paulo.

BEM-VINDA - Chico Buarque de Hollanda

Dono do abandono e da tristeza
Comunico oficialmente
Que há lugar na minha mesa
Pode ser que você venha por mero favor
Ou venha coberta de amor
Seja lá como for
Venha sorrindo
Ah! Bem-vinda, bem-vinda, bem-vinda
Que o luar está chamando
Que os jardins estão florindo
E eu estou sozinho
Cheio de anseios e esperança
Comunico a toda gente
Que há lugar na minha dança
Pode ser que você venha
Morar aqui,
Ou venha pra se despedir
Não faz mal
pode vir até mentindo
Ah! Bem-vinda, bem-vinda, bem-vinda
Que o meu pinho está chorando
Que o meu samba está pedindo
E eu estou sozinho
Venha iluminar meu quarto escuro
Venha entrando como o ar puro
Todo novo da manhã
Venha minha estrela, madrugada
Venha minha namorada
Venha amada, venha urgente
Venha irmã,
Bem-vinda, bem-vinda, bem-vinda
Que essa aurora está custando
Que a cidade está dormindo
E eu estou sozinho
Certo de estar perto da alegria
Comunico finalmente,
Que há lugar na poesia
Pode ser que você tenha um carinho pra dar

**Ou venha pra se consolar
Mesmo assim pode entrar
Que é tempo ainda
Ah! Bem-vinda, bem-vinda, bem-vinda
Ai que bom que você veio
E você chegou tão linda
E eu não cantei em vão
Bem-vinda, bem-vinda,
Bem-vinda, bem-vinda,
Bem-vinda no meu coração**

O cantar a esperança é retomado nesse poema de Chico Buarque de Hollanda que, se autodeterminando " dono do abandono e da tristeza", se reconhece sozinho e cercado de incertezas ("Pode ser que você venha por mero favor/Ou venha coberta de amor (...) Pode ser que você tenha um carinho pra dar/Ou venha pra se consolar"), e pede, em nome do luar e dos jardins floridos, do pinho e do samba, da aurora e da cidade, que a esperança volte e chegue tão linda, que seja capaz de iluminar o quarto escuro, "entrando como o ar puro todo novo da manhã".

No mesmo ano, Chico Buarque de Hollanda em parceria com Tom Jobim vence o III FIC nas fases nacional e internacional, com "Sabiá". Nesse mesmo festival, Geraldo Vandré conquista o público com "Pra não dizer que não falei de flores" transformada pouco tempo depois, em uma espécie de hino das frentes de resistência ao regime.

SABIÁ - Chico Buarque e Tom Jobim

**Vou voltar
Sei que ainda vou voltar
Para o meu lugar, foi lá
E é ainda lá
Que eu hei de ouvir cantar
Uma sabiá
Uma sabiá
Vou voltar,
Sei que ainda vou voltar
Vou deitar à sombra
De uma palmeira
Que já não há
Colher a flor que já não dá
E algum amor talvez possa espantar
As noites que eu não queria
Lhe anunciar um dia
Vou voltar
Sei que ainda vou voltar
Não sei se vai ser em vão
Que fiz tantos planos de me enganar
Como fiz enganos de me encontrar
Como fiz estradas de me perder
Fiz de tudo e nada de te esquecer
Vou voltar,
Sei que ainda vou voltar
Para o meu lugar, foi lá
E é ainda lá
Que eu hei de ouvir cantar
Uma sabiá
Vou voltar
Sei que ainda vou voltar**

**E é pra ficar
Sei que o amor existe
Eu não sou mais triste
E que a nova vida já vai chegar
E que a solidão vai se acabar
E que a nova vida já vai chegar
E que a solidão vai se acabar**

Texto paródico, "Sabiá" opõe uma pátria ideal, onde ainda se ouve cantar sabiás, a uma pátria saqueada e depredada, onde não há mais palmeiras em cuja sombra se possa deitar, ou flores que possam ser colhidas, e noites que não se queiram, criando uma tensão entre um passado marcado pela nostalgia, e um futuro marcado pela esperança ("Vou voltar/Sei que ainda vou voltar/Para o meu lugar, foi lá/E é ainda lá/Que eu hei de ouvir cantar/Uma sabiá")

O presente é marcado pela negação ("Vou deitar à sombra/De uma palmeira/Que já não há/Colher a flor que já não dá/E algum amor talvez possa espantar/As noites que eu não queria/Lhe anunciar um dia"), caracterizando o exílio de toda uma geração.

Palavras-chave do texto-base de Gonçalves Dias, são recuperadas aqui, como: sabiá, palmeira, flor, amor (características da terra natal) e o advérbio lá que reforça o sentido de uma volta decidida ("E é pra ficar") porque lá, é a terra do poeta.

O sentimento da saudade em "Sabiá" tem um sentido social: saudade, de tudo o que se perdeu, e não meramente espacial, como no poema de Gonçalves Dias.

Em 1969, Paulinho da Viola vence o V Festival da Record com "Sinal Fechado".

SINAL FECHADO - Paulinho da Viola

- Olá, como vai?
- Eu vou indo e você, tudo bem?
- Tudo bem, eu vou indo, correndo, pegar meu lugar no futuro, e você?
- Tudo bem, eu vou indo, em busca de um sono tranqüilo, quem sabe?
- Quanto tempo ...
- Pois é, quanto tempo ...
- Me perdoe a pressa é a alma do nosso negócio
- Qual, não tem de quê. Eu também só ando a cem ...
- Quando é que você telefona? Precisamos nos ver por aí,
- Pra semana, prometo, talvez nos vejamos, quem sabe?
- Quanto tempo ...
- Pois é, quanto tempo ...
- Tanta coisa que eu tinha a dizer, mas eu sumi na poeira das ruas
- Eu também tenho algo a dizer, mas me foge à lembrança
- Por favor telefone, eu preciso beber alguma coisa, rapidamente,
- Pra semana ...
- O sinal ...
- Eu procuro você
- Vai abrir, vai abrir
- Prometo, não esqueço
- Por favor, não esqueça, não esqueça
- Adeus.

Poema articulado através de uma linguagem fragmentada, telegráfica e clichêizada, "Sinal fechado" retrata um cotidiano que tem na pressa de cada um, a conquista de motivos individuais e particulares. Já não se canta mais a esperança de dias que virão, já não se canta mais o amor. Canta-se apenas a perda no dia-a-dia, daquilo que em algum tempo foi conquistado.

"Cantiga por Luciana", de Paulinho Tapajós e Edmundo Souto, vencedora das fases nacional e internacional do IV FIC, retoma o sentido da natureza e do despertar da inocência, característicos do romantismo.

Dividido em duas estrofes de cinco versos intercaladas por um estribilho, "Cantiga por Luciana" apresenta a sustentação formal do gênero cantiga, surgido no período medieval.

A convocação para o cantar coletivo da esperança, característica do espírito nacional dos anos 60, volta-se para o subjetivo e individual cantar de um poeta "cansado de esperar só".

CANTIGA POR LUCIANA - Paulo Tapajós/Edmundo Souto

**Manhã, no peito de um cantor
Cansado de esperar, só
Foi tanto tempo que nem sei
Das tardes tão vazias
Por onde andei
Luciana, Luciana,
Sorriso de menina,
Dos olhos de mar,
Luciana, Luciana,
Abrace essa cantiga
Por onde passar
Nasceu, na paz de um beija-flor
Em verso, em voz de amor
Já desponta aos olhos da manhã
Pedacos de uma vida
Que abriu-se em flor.
Luciana, Luciana,
Sorriso de menina
Dos olhos de mar
Luciana, Luciana,
Abrace essa cantiga
Por onde passar.**

No início da década de 70, o Brasil tinha uma população de 99.901.037 habitantes, conforme revela o Oitavo Recenseamento Geral do Brasil. "5% de brasileiros mais ricos que absorviam 27,3% da renda nacional em 1960, passam a arrecadar 36,3% em 1970 e os 50% mais pobres vêem reduzida sua participação na renda de 27,8% para 13,1%" .(8)

O Presidente Garrastazu Médici declara numa visita ao Nordeste, que "a economia pode ir bem, mas a maioria do povo vai mal", e divulga o seu programa de metas destinado a construir o Brasil-Potência. Como programas de impacto, incluem-se a construção da Transamazônica, inacabada até hoje, e a declaração verbal de que o limite do mar territorial passa de doze para duzentas milhas.

São criados o INCRA - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária, a FUNABEM - Fundação Nacional do Bem Estar ao Menor e o MOBRAF - Movimento Brasileiro de Alfabetização.

Na área cultural, Antônio Cândido escreve o ensaio Dialética da Malandragem; surgem os periódicos Bom-dia, Pif-Paf, Em tempo e Politika; Henfil cria "Zeferino", "Bode Orelana" e "Graúna"; surgem o cinema marginal e o novíssimo.

Com os maiores compositores da MPB no exílio, com os órgãos de comunicação sob censura, e com a

onda ufanista imposta ao país pelos serviços de propaganda da ditadura ("Eu te amo meu Brasil", "Brasil, ame-o ou deixe-o", "Brasil, eu fico"), o grande sucesso musical do ano é "Pra frente, Brasil" de Miguel Gustavo, composto especialmente para a Copa do Mundo do México, que consagrou o Brasil Tri-Campeão Mundial, e a grande vencedora do V FIC, "BR-3", de Antonio Adolfo e Tibério Gaspar.

D a Venezuela, Geraldo Vandré canta sua "Pátria Amada", espécie de nova "Canção do Exílio", que encontra no amor, o sentido da permanência.

A pátria recompensa assim o poeta, com a certeza de que será sempre amado por ela, num reconhecimento da doação do seu cantar.

PÁTRIA AMADA - Geraldo Vandré

**Se é pra dizer adeus
Pra não te ver jamais
Eu que dos filhos teus
Fui te querer demais
No verso que hoje chora
Pra me fazer capaz
Da dor que me devora
Quero dizer-te mais
Que além de adeus agora
Eu te prometo em paz
Levar comigo afora
O amor demais.
Amado meu
Sempre serás
Quem me guardou
No teu cantar
E me levou
Além do meu
Além do céu
E além do mar
Amado meu
Que além de mim se deu
Não se perdeu
E nem se perderá.**

NOTAS DE REFERÊNCIA

- 1. LEITE, Dante Moreira. O caráter nacional brasileiro. 3. ed. São Paulo: Pioneira, 1976. p. 301**
 - 2. CHAUI, Marilena. Seminários. São Paulo: Brasiliense, 1983. p. 86 (O nacional e o popular na cultura brasileira)**
 - 3. HOLLANDA, Heloísa Buarque de. Impressões de viagem: cpc, vanguarda e desbunde: 1960/70. 2. ed. São Paulo, Brasiliense, 1981. p. 32**
 - 4. ANDRADE, Carlos Drummond de. A banda. Correio da Manhã, 14 out. 1966.**
 - 5. CARVALHO, Bárbara Vasconcelos de. A literatura infantil: visão histórica e crítica. 2. ed. São Paulo, EDART, 1982. p. 57**
 - 6. Idem, p.63**
 - 7. Idem, p.61**
 - 8. RIBEIRO, Darcy. Aos trancos e barrancos: como o Brasil deu no que deu. Rio de Janeiro: Guanabara Dois, 1985. (2039)**
-

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BENEVIDES, Maria Victoria. O governo Jânio Quadros. São Paulo: Brasiliense, 1981. 87p. (Tudo é história, 30)
 2. CARVALHO, Bárbara Vasconcelos de. Do conto na literatura infantil. In ___. A literatura infantil: visão histórica e crítica. 2.ed. São Paulo: DART, 1983. p.54-8
 3. ___. O universo mágico dos contos maravilhosos. In: ___. A literatura infantil: visão histórica e crítica. 2.ed. São Paulo: EDART, 1983. p.59-61
 4. CARVALHO, Gilberto. Chico Buarque: análise poética-musical. Rio de Janeiro: CODECRI, 1982. 186p.
 5. CHAUI, Marilena. Seminários. São Paulo: Brasiliense, 1983. 103p. (O Nacional e o Popular na cultura brasileira)
 6. COHN-BENDIT, Daniel. Onde estão os rebeldes de 68? Leia, São Paulo, VII (75) : 3-6. 1985
 7. DAGHLIAN, Carlos (org.) Poesia e música. São Paulo: perspectiva, 1985. 200p.
 8. DIEGUES JR. M. Literatura de cordel. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1975. 38p. (Cadernos de folclore, 2)
 9. HERZ, Daniel. A história secreta da Rede Globo. 9.ed. Porto Alegre: Tchê, 1987. 300p.
 10. HOLLANDA, Heloísa Buarque de & Gonçalves, Marcos A. Cultura e participação nos anos 60. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1982. 102p. (Tudo é história, 41)
 11. _____. Impressões de viagem: cpc, vanguarda e desbunde-1960/70. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1981. 199p.
 12. HOLLANDA, Sérgio Buarque de. Raízes do Brasil. 14 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1981. 158p. (Documentos Brasileiros, 1)
 13. LEITE, Dante Moreira. O caráter nacional brasileiro. 3 ed. São Paulo: Pioneira, 1976. 339p.
 14. MENESES, Adélia Bezerra de. Desenho mágico: poesia e política em Chico Buarque. São Paulo: HUCITEC, 1982. 246P.
 15. ____ (org.) Chico Buarque de Hollanda: seleção de textos, notas, estudo bibliográfico, histórico e crítico. São Paulo: Abril Educação, 1980. 106p. (Literatura Comentada)
 16. MEDEIROS, Paulo de Tarso. A aventura da Jovem Guarda. São Paulo: Brasiliense, 1984. 86p. (Tudo é história, 92)
 17. NETO, Ramalho. Histórinha do dasafinado: bossa-nova. Rio de Janeiro: Vecchi, 1965.
 18. RIBEIRO, Darcy. Aos trancos e barrancos: como o Brasil deu no que deu. Rio de Janeiro: Guanabara Dois, 1985.
 19. SANT'ANNA, Affonso Romano de. O interregno da música popular: 1967- 1973. In: _____. Música Popular e Moderna Poesia Brasileira. Petrópolis: Vozes, 1978. p.97-111
-